

## NEUROCIÊNCIA E GÊNERO: A BIOLOGIA ENSINANDO MODOS DE SER HOMEM E MULHER

**MAGALHÃES CORPES, J. (1) y RIBEIRO COSTA, P. (2)**

(1) Instituto de Educação. Universidade Federal do Rio Grande - FURG [joanaliracm@yahoo.com.br](mailto:joanaliracm@yahoo.com.br)

(2) Universidade Federal do Rio Grande - FURG. [pribeiro@vetorial.net](mailto:pribeiro@vetorial.net)

---

### Resumen

Este trabalho tem como objetivos analisar as representações de gênero presentes em alguns artefatos culturais – revistas de divulgação científica e programas de TV – e problematizar as implicações dos discursos presentes nessas pedagogias culturais no ensino de Ciências e Biologia. Este estudo se fundamenta a partir do campo teórico dos Estudos Culturais e de Gênero, nas suas vertentes pós-estruturalistas. Os artefatos culturais analisados vêm trazendo em suas pedagogias os discursos das neurociências que apresentam as diferenças entre os gêneros relacionadas às questões cerebrais, genéticas e evolutivas. Nesta direção, é importante problematizarmos o quanto essas pedagogias culturais estão vinculadas ao ensino de Ciências e de Biologia, já que, ao falar do cérebro de meninos e meninas, adolescentes, homens e mulheres, também estão construindo esses corpos.

---

### OBJETIVOS:

Neste trabalho temos como objetivos analisar as representações de gênero presentes em alguns artefatos culturais – revistas de divulgação científica e programas de TV – e problematizar as implicações dos discursos presentes nessas pedagogias culturais no ensino de Ciências e Biologia.

## **MARCO TEÓRICO:**

Este estudo se fundamenta a partir dos campos teóricos dos Estudos Culturais[1] e de Gênero, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas. Nessa perspectiva, entendemos os gêneros como construções sócio-históricas produzidas sobre as características biológicas (Louro, 2000), produto e efeito de relações de poder[2]. Contudo, cabe destacar que ao enfatizarmos o caráter construído dos gêneros não estamos negando a materialidade biológica dos corpos, mas sim buscamos problematizar as representações que se apóiam nas características biológicas para justificar diferenças, desigualdades e posicionamentos sociais.

Ao fundamentar as discussões nesta perspectiva teórica caracterizo os objetos sob análise como artefatos culturais, ou seja, como resultados de um processo de construção social (SILVA, 2004). Por esse viés, revistas, programas de TV, músicas, jornais, entre outros, são artefatos culturais, já que são constituídos por representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura (FISCHER, 2002). Além disso, tais artefatos contêm pedagogias culturais que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais.

Segundo Steinberg (1997), o termo refere-se à idéia de que a educação ocorre em diversos espaços sociais, incluindo, mas não se limitando ao espaço escolar. Conforme destaca Soares e Meyer,

O conceito de pedagogias culturais remete, exatamente, para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades. Remete, também, para um importante deslocamento no qual o currículo se desvincula e se projeta para além da escola, o que impõe uma reconceptualização das próprias noções de escola, de currículo, de conhecimento escolar. (2003, p.139)

As contribuições dos Estudos Culturais possibilitam problematizarmos os efeitos da pedagogia cultural na formação das identidades, sua produção e legitimação do conhecimento, ou seja, seu currículo cultural (STEINBERG, 2001). Tal como o currículo escolar – em que conhecimentos, valores e habilidades são selecionados para fazer parte de um conjunto a ser ensinado – o currículo cultural agrupa representações de gênero, de raça, de sexualidade, entre outras, para compor padrões ditos como normais pela sociedade, os quais devem ser seguidos (SABAT, 2000).

## **DESENVOLVIMENTO DO TEMA:**

Para este estudo utilizamos duas edições da Revista Viver, Mente e Cérebro da Scientific American, dos anos de 2005 e 2007, e os Programas de TV brasileiros Globo Repórter e Fantástico.

Ao analisar estes artefatos podemos perceber que suas pedagogias ao (re)produzirem os discursos das neurociências, nos ensinam modos de ser homem e de ser mulher, a viver as masculinidades e feminilidades de acordo com um padrão hegemônico, conforme fragmentos abaixo:

*O cérebro feminino é, em média, de 10 a 15% menor do que o masculino, e bem mais leve [...] o córtex cerebral feminino possui cerca de 3,5 bilhões de neurônios a menos do que o masculino. (Hausmann, 2005, p. 42);*

*[...] o típico comportamento masculino de impor-se aos demais, manifestado claramente desde a idade pré-escolar, representa apenas o produto de uma história evolutiva em que os homens disputam incessantemente as parceiras sexuais disponíveis. (Hanser, 2005, p. 35);*

*As meninas falam primeiro e com três anos têm um vocabulário três vezes maior que os meninos da mesma idade. Em compensação os meninos têm mais capacidade espacial e, portanto, mais pontaria. (Fantástico, 2008)*

*Eles concentram muita energia em pouco tempo. E focam em algumas relações muito pontuais. As fêmeas apostam mais em relações de longo prazo. Por isso elas se comunicam mais, falam mais e têm maior aposta nas relações emocionais. (Globo Repórter, 2007)*

Comportamentos, habilidades, diferenças no desempenho escolar, entre outras características atribuídas a homens e mulheres, parecem estar inscritos no cérebro, órgão responsável pela origem das distinções entre os gêneros, tomado como protagonista de uma história de produção de verdade, centrada no discurso científico, para ditar o que é da “natureza” de cada um.

Neste sentido, ao problematizarmos essa rede de discursos, ressaltamos como esses são produções culturais, e o quanto as representações e significados do que é masculino e do que é feminino se constroem discursivamente. Possibilita-nos, também, pensar o quanto as mídias impressa e televisiva, são um campo de constituição de identidades, de subjetividades e de configurações sociais. Ou seja, pensar nestas instâncias como espaços educativos.

Desta perspectiva, é relevante para nós educadoras e educadores incorporarem em suas práticas escolares outras representações culturais de corpo que circulam na sociedade. Falar de um corpo que não se simplifica apenas numa matriz biológica – capaz de explicar preferências, habilidades, comportamentos dos

indivíduos – mas que está sendo também constantemente produzido na e pela cultura.

Neste sentido, é importante problematizarmos o quanto pedagogias culturais, como revistas de divulgação científica e programas televisivos, estão vinculadas ao ensino de Ciências e de Biologia, já que, ao falar do cérebro de meninos e meninas, adolescentes, homens e mulheres, também estão construindo esses corpos. Ou seja, incorporarmos na prática escolar – ao falarmos do sistema nervoso, por exemplo – essas outras representações e significados atribuídos ao funcionamento cerebral e o quanto eles vão produzindo esses sujeitos na sala de aula.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES:**

Problematizar esses artefatos culturais nos possibilita perceber o quanto vamos aprendendo, através de suas pedagogias e em diferentes espaços, as nossas diferentes posições-de-sujeito na sociedade, bem como o quanto somos sujeitos construídos e (re)produzidos nas mais diversas instâncias sociais, através de múltiplos processos, discursos, estratégias e práticas culturais.

Neste sentido, devemos pensar essas pedagogias culturais como possibilidades para desenvolvêrmos um ensino de Ciências e Biologia que discuta essas outras representações de corpo – neste caso, do sistema nervoso – a fim de problematizar o quanto esses discursos nos interpelam e acabam por construir representações e significados em torno do cérebro de homens e mulheres.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FISCHER, R. M. B. (2002). *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 01, pp. 151-162.

FOUCAULT, M. (2006). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

HANSER, H. (2005). *Diferentes desde o nascimento. Viver Mente & Cérebro* *Scientific American*, 146, pp. 32-39.

HAUSMANN, M. (2005). Questão de Simetria. *Viver Mente & Cérebro* *Scientific American*, 146, 40-45.

LOURO, G.L. (2000). *Corpo, Escola e Identidade*. *Educação e Realidade*, 2, pp. 59-76.

RIBEIRO, P.R.C. Y G.F. SOARES. (2007). As identidades de gênero. En P.R.C. Ribeiro (Ed.), *Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno Anos Iniciais* (pp. 26-29). Rio Grande: Editora da FURG.

SABAT, R. (2000). Quando a publicidade ensina sobre gênero e sexualidade. En L.H. da Silva (Ed.), *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?* (pp. 244-261). Petrópolis: Vozes.

SEXO OPOSTO. *Fantástico*. Rio de Janeiro, Rede Globo, mar/mai. 2008. PROGRAMA DE TV. Disponível em: Acesso em: 16 de maio de 2008.

SILVA, T. T. da. (2004). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.

STEINBERG, S. (1997). Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. En: SILVA, L. H., AZEVEDO, J. C. de e SANTOS, E. S. dos. *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. (pp. 98-145). Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria de Educação.

STEINBERG, S. Y J. KINCHELOE (Eds.). (2001). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SOARES, R. F. R e MEYER, D. E. E. (2003). *O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas?*. *Revista Brasileira de Educação*, Porto Alegre, 23, p. 136-148.

UM HOMEM E UMA MULHER. *Globo Repórter*. Rio de Janeiro, Rede Globo, 25 de maio 2007. PROGRAMA DE TV. Disponível em: Acesso em: 28 de maio de 2007.

---

[1] Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção que estuda os aspectos culturais da sociedade.

[2] Utilizamos poder numa perspectiva foucaultiana, ou seja, como uma relação de ações sobre ações – algo que se exerce, que se efetua e funciona em rede. Nessa rede, os indivíduos não só circulam, mas estão em posição de exercer o poder e de sofrer sua ação e, consequentemente, de resistir a ele (Foucault, 2006).

## CITACIÓN

MAGALHÃES, J. y RIBEIRO, P. (2009). Neurociênci a e gênero: a biología ensinando modos de ser homem e mulher. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 1992-1996  
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-1992-1996.pdf>